

DOSSIÊ

LIBRAS E ARTE: MANIFESTAÇÕES
VERBOVISUAIS DE ARTEFATOS CULTURAIS
DA COMUNIDADE SURDA

Libras and Art: verbovisual manifestations of deaf community's cultural productions

ORGANIZADORES

SUELI FERNANDES¹

JONATAS RODRIGUES MEDEIROS²

As mãos, na língua de sinais, produzem as palavras, voam como a velocidade da luz, atravessam a visão do outro, desembarcam no aeroporto dos olhos, automaticamente as malas vão parar no cérebro, explodindo os maiores parques do mundo, onde podem brincar de roda gigante, carrossel, montanha russa. Com as palavras gritando, entre uns e outros, são produzidas linguagens que se conectam além do significante/significado, se tornam signos, e logo nasce o compreender e entender das palavras [...]

(Claudio Mourão, 2011, p. 38)

¹ Doutora em Letras/UFPR; professora do Setor de Ciências Humanas/Coordenação de Letras Libras. Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba-PR, Brasil. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. suelifsol@gmail.com.

² Mestrando em Estudos da Tradução/UFSC; licenciado em Letras Libras/UFPR; tradutor intérprete de Libras. jonataslibras@gmail.com.

A epígrafe que abre este editorial toma emprestada do artista, pesquisador, e professor surdo Claudio Mourão – o “Cacau” – a metáfora visual da língua de sinais como signo verbal mobilizador das experiências de linguagem vivenciadas pelos surdos. Dessas experiências “lúdicas” decorrem compreensão, simbolização, conhecimento...

Este dossiê trata justamente desse campo temático (e por que não dizer, lúdico?) e inovador da dialogia entre a Libras e a Arte, que se oferece como ponto de encontro entre artistas surdos, estudantes de graduação, pesquisadores, professores e tradutores intérpretes de Libras. Esses sujeitos que produzem arte sinalizada nas práticas discursivas da poesia de rua, da direção e atuação teatral, da tradução artística de espetáculos, da produção de videoguia, colaboram para a ampliação e circulação das manifestações de artefatos culturais da comunidade surda em sua prática profissional e/ou acadêmica.

São trajetórias inovadoras, ainda em processo de construção que, pela força de sua originalidade subversiva, desafiaram alguns dos critérios editoriais ortodoxos para serem publicados. Merecem estar aqui, merecem ser socializadas, compartilhadas, como inspiração artística e acadêmica da vanguarda da construção estética de objetos culturais atravessados pela Libras, em um periódico de circulação nacional, a Revista Espaço, publicada pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, o berço da língua de sinais brasileira!

Há pouco mais de dez anos não seria possível publicar um dossiê como este! Este encontro dialógico entre a Libras e a Arte materializa-se nas emergentes experiências artísticas e pesquisas acadêmicas que se ocupam de artefatos culturais da comunidade surda, que circulam em diferentes gêneros e espaços artísticos, como espetáculos teatrais, acervos de museus, telas de cinema, televisão e outras mídias. Essas experiências inovadoras de práticas artísticas e culturais, forjadas em signos sinalizados, são protagonizadas por enunciadores surdos e não-surdos e estão emaranhadas em nossas vivências estéticas e profissionais. Ao recebermos o convite para a organização deste dossiê, refletimos como uma professora e um tradutor intérprete de Libras poderiam contribuir não apenas na perspectiva acadêmica desta produção. Tocados pela arte e por seu potencial mobilizador, apostamos na visibilização de experiências (algumas ainda embrionárias) da Libras circulando como língua de cultura, a partir de manifestações estéticas consumidas por interlocutores que utilizam a língua de sinais como

primeira e/ou segunda língua, língua adicional ou língua de fronteira nas relações que estabelecem socialmente

Lembro-me em minha trajetória como professora/pesquisadora de surdos³ da sensação de encantamento que me acometeu ao observar, pela primeira vez, uma manifestação artística envolvendo a língua de sinais, no V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para surdos, em Porto Alegre, na UFRGS, entre 20 e 24 de abril de 1999. O tema “A educação que nós Surdos queremos” já sinalizava para o caráter político da retomada do protagonismo da comunidade surda nas decisões governamentais levadas a cabo em seu nome. Em meio a passeatas, palestras e manifestos que constituíram as sementes ideológicas das futuras diretrizes para a oficialização da Lei de Libras, em 2002 (também em 24 de abril), e do Decreto Federal 5626/2005, o evento organizou apresentações culturais de humor surdo, literatura surda, e de teatro em língua de sinais performados por artistas surdos brasileiros e estrangeiros.

A impactante performance de Ben Bahan – professor de American Sign Language Literature da Gallaudet University – nos impactou pela potência da força enunciativa da língua de sinais como língua de cultura, como ferramenta de mobilização política e identitária da comunidade surda, pela via da seara da arte.

Passadas mais de duas décadas de luta e resistência para comprovar o caráter da Libras como “língua”, essa afirmação pode parecer óbvia e redundante diante das inúmeras conquistas sociais em relação aos direitos linguísticos dos surdos. No entanto, o contexto histórico a que nos referimos retrata um cenário inicial em que as mais significativas pautas de luta do movimento surdo brasileiro se estruturavam: oficializar a língua de sinais das comunidades surdas brasileiras, subsidiar essa ação com mobilização política nacional, respaldar teórica e cientificamente a descrição do estatuto linguístico da Libras e sua importância para a identificação cultural e comunitária para, assim, garantir os direitos sociais decorrentes do reconhecimento jurídico-legal como grupo cultural e linguístico minoritário. Esse esforço organizativo tinha como alvo a educação como campo político a ser disputado, inicialmente!

Buscar sintetizar a magnitude do escopo dessa pauta em poucos linhas só é possível retrospectivamente, ou seja, depois de vivenciadas as tensões políticas e

³ Sueli Fernandes.

ideológicas das forças centrípetas e centrífugas (tomando emprestada uma imagem bakhtiniana) em disputa. A ação centrípeta mobilizava para o centro discursivo das forças conservadoras da opressão e da colonização dos surdos, da narrativa da surdez como uma deficiência que acomete indivíduos e que atribuía à língua de sinais um caráter de linguagem natural, icônica e mimética, desprovida de estruturação gramatical; em sentido oposto, as forças centrífugas do movimento surdo e das pesquisas acadêmicas concentravam esforços para a descentralização, buscando a descolonização do corpo surdo por meio de uma narrativa da identidade cultural centrada nas experiências socioantropológicas coletivas das comunidades surdas (FERNANDES E TERCEIRO, 2019).

Em minha trajetória com a língua de sinais⁴, percebo o quanto a experiência como intérprete de Libras me deu oportunidade para estabelecer a maioria dos laços e para a escolha dos lugares onde circulo, uma identidade constituída e permeada pelo papel da interpretação. Tendo experiência linguística em espaço religioso, ainda criança aprendia com a comunidade surda da igreja que frequentava muitas narrativas visuais compartilhadas, um conhecimento oriundo da “oralidade–corporalidade” surda, das experiências que constituem uma memória coletiva. Ainda nesse espaço, participei de um coral de surdos (prática que apenas mais tarde entenderia como ouvintista). Com diversas vivências em muitas viagens do coral, tive contato com uma arte literária que, também muito posteriormente conseguiria nomear como Literatura Surda. Essas experiências discursiva e literária de narrativas e performances surdas eram paralelas, coexistiam no mesmo espaço-tempo, mas se distinguiam no sentido e na natureza do então modelo ouvinte vigente da prática de corais de surdos que obedeciam a uma lógica ouvinte, da estética musical e do português sinalizado.

Tempos depois, já afastado da trajetória religiosa, tive a oportunidade de participar de diversos eventos onde surdos se apresentavam e sinalizavam com maestria, com poemas, piadas e narrativas dos mais diversos temas, em especial suas pautas em defesa do uso da língua de sinais e da cultura surda. Essa vivência, aliada à aproximação do movimento surdo, me possibilitou o contato com ativistas surdos que utilizavam a Arte para expressar suas narrativas e bandeiras de lutas, como foi o Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda (conhecido como

⁴ Jonatas Medeiros.

Setembro Azul) contra o fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES –, em 2011, ou o movimento #EnemLibrasJá, organizado no Paraná, que mobilizou a participação das comunidades surdas, reivindicando o direito de acesso às provas do Enem em Libras. Como representante e membro da comissão de tradução, edição e legendagem dos vídeos que chegavam de todo o Brasil, tive contanto com uma rica produção. Entre esses vídeos, alguns veiculavam poesia sinalizada, arte audiovisual e charges como manifestação estética.

Em uma década, assistimos ao grande e revolucionário salto no campo dos direitos sociais que resulta na ampliação de acesso de surdos à educação básica e superior, a partir de uma política linguística de bilinguismo nas escolas, efetivada de forma mais ou menos produtiva na aprendizagem. A criação dos cursos de Letras Libras – licenciatura e bacharelado –, a contratação de tradutores intérpretes de Libras, a presença obrigatória da língua de sinais nos currículos de formação de professores, entre outras ações, faz fluir águas represadas de manifestações culturais e acadêmicas em línguas de sinais protagonizadas por sujeitos surdos e ouvintes sinalizadores.

Florescem as múltiplas expressões de poesia sinalizada, de peças de teatro encenadas em Libras, de publicações de literatura surda ou literatura em língua de sinais, aliadas a reivindicações do direito à informação com acessibilidade pela inserção de janelas de tradução em Libras em programas televisivos e campanhas por legendas no cinema e no teatro, afirmando um irreversível movimento de conquista de direitos.

Curitiba, a cidade de onde lançamos nossa mirada e nossas experiências e vivências na seara da Libras e da Arte, teve intensificação de atividades artísticas, como seminários de poesia sinalizada, saraus e intervenções que mesclavam arte e política em língua de sinais. Houve também um movimento produtivo de aproximação de artistas ouvintes interessados em promover a cena cultural e literária, fazendo florescer reflexões e práticas que resultariam na manifestação de um significativo número de produções estéticas bilíngues, entre elas a batalha de poesia do *Slam* Resistência Surda (LEMOS, GRIGOLOM e MEDEIROS, neste número) e a peça “Surdo, logo existo”, encenada apenas por atores e atrizes surdos, em 2019.

Mourão (2011), ao tratar da literatura em língua de sinais, reflete sua gênese no seio da formação política da comunidade surda; à medida que a luta por

direitos linguísticos e sociais foi se fortalecendo no seio das comunidades surdas, a partir da década de 1990, também floresceram produções de “mãos literárias”, pela possibilidade de expressar a arte de sinalizar e expressar a arte de escrever.

O autor argumenta que a formação literária dos surdos foi construída na experiência visualiterária a partir do uso de sua língua, para tratar de temas relativos às identidades e à cultura surda. A experiência visualiterária foi absorvida, circulou e passou a ser consumida sob a forma de produções culturais de surdos, por meio de diferentes registros visuais e modos de expressividade, pelas obras de artistas surdos, sem uso da língua escrita-falada: “a visualiterária e as mãos literárias passam de mãos em mãos e de olhos em olhos e transformam assim as cargas culturais, energizando a potência de luzes na morada da Literatura Surda” (MOURÃO, 2016, p.226).

Na esteira dessas reflexões já bastante amadurecidas na área da literatura surda, o dossiê “*Libras e Arte: manifestações verbovisuais de artefatos culturais da comunidade surda*” busca ocupar um lugar nessa arena discursiva (BAKHTIN, 1981) ao socializar experiências artísticas que disputam modos de representação do coletivo de pessoas surdas como integrantes de uma minoria linguística, com expressivas manifestações artísticas e estéticas que promovem a Libras como língua de cultura, transformadora das relações de poder que se estabelecem entre surdos e ouvintes, mobilizadora da luta política das comunidades surdas.

O objetivo desta publicação é visibilizar projetos e pesquisas que envolvem a Libras em suas interfaces com a arte, a cultura e a tradução artística. O fio condutor que dá unidade aos trabalhos que integram este número é tecido por dois critérios de seleção: em primeiro lugar, os projetos e pesquisas devem contemplar um *artefato cultural da comunidade surda* que circula em *gêneros sinalizados* emergentes, sob a forma de videoguia, tradução teatral, teatro surdo, teatro de animação, entre outras possibilidades; em segundo lugar, veicular “textos” que enfatizem a experiência visual dos surdos na interação verbal, por meio de *enunciados verbovisuais*.

Beth Brait (2013) ao apresentar um leque de conceitos/categorias que podem ser utilizados para leitura e interpretação do visual, sistematizados a partir das ideias do Círculo de Bakhtin, destaca a verbovisualidade, que tem como principal marca constitutiva a relação, a articulação entre a dimensão linguística – oral ou escrita – e a imagem nas formas de produção de sentido e efeitos

de sentido de textos. Quando o verbal e o visual articulam-se em um único enunciado nas esferas de circulação artísticas ou fora delas, há “[...] gradações, pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada [...]” (BRAIT, 2013, p.50).

Tomamos essa reflexão como base para defender a aplicabilidade do verbovisual como categoria que constitui a enunciação nas manifestações de artefatos culturais presentes nos artigos que compõem este dossiê. As formas verbovisuais dos enunciados que se prestam a ser vistos/lidos trazem destaque à Libras como signo verbal que assume centralidade no letramento visual bilíngue de interlocutores surdos, aliados a outras semioses visuais não-verbais (FERNANDES, 2003; 2006). “A relação constitutiva entre as sequências verbais e as sequências visuais não-verbais definem o enunciado como o todo verbovisual” (BRAIT, 2013, p. 57).

Embora nem todos os autores filiem-se à matriz teórica de perspectiva bakhtiniana, que alude ao verbovisual na enunciação, nosso critério de organização buscou extrair esse elemento nas diferentes manifestações estéticas que recobrem experiências entre Libras e Arte como forma de dar a conhecer essa tendência de gêneros sinalizados emergentes, seus protagonistas e as variadas perspectivas teóricas que as vêm sustentando no cenário nacional.

O artigo de abertura do dossiê “*Slam* resistência surda – Curitiba: poesia surda e narrativas sinalizadas” contempla um dos mais inovadores artefatos culturais da comunidade surda brasileira, as narrativas poéticas produzidas por poetas surdos: o *Slam*, competições ou batalhas de poesias que dão voz a poetas da periferia, que se propõem a criar espaços de resistência, protesto e representatividade de grupos historicamente marginalizados/as e oprimidos/as.

Os três autores que compartilham a autoria do texto são Jonatas Medeiros e Rhaul de Lemos – tradutores intérpretes de Libras – e Gabriela Grigolom – a poeta surda “Negabi” –, idealizadores do *Slam* Resistência Surda, evento que abriu espaço de arte e militância pioneiro para *slammers* surdos. A experiência de produção e tradução dos poemas da *slammer* Negabi é narrada, refletida teórica, metodológica e também politicamente, já que os poemas sinalizados performados abordam temáticas sobre o feminismo, a língua de sinais, a luta contra o racismo e as barreiras que ela enfrenta por ser uma mulher negra surda.

Gabriela “Negabi” está iniciando, em 2020, sua incursão na vida acadêmica. Foi aprovada em primeiro lugar em um curso de bacharelado em teatro, em Curitiba. Suas riquíssimas experiências potencializam a reflexão teórica dos autores, oportunizando pensar caminhos metodológicos não tradicionais para a produção do artigo em “seis mãos”. Valendo-se de uma ferramenta literária, a “escrevivência”, conceito cunhado pela escritora e ativista negra Evaristo Conceição, que a descreve como “escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”, Negabi inscreve sua autoria no texto pela tradução dos coautores Jonatas e Rhaul. Trabalho lindo e autoral que transgride, também, os critérios ortodoxos de avaliação em periódicos, baseados tão somente na titulação acadêmica.

Na sequência, partimos para um bloco de trabalhos que elegem o espetáculo teatral como objeto estético para suas reflexões. Abrimos a discussão com “*Libras e Artes na Extensão Universitária: ações promovidas na Universidade do Estado de Santa Catarina*”, em que Natália Rigo e Fabíola Sell apresentam experiências artísticas desenvolvidas no projeto “Sinaliza UDESC: Arte e Formação”, uma ação de extensão universitária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) envolvendo a formação artística e linguística de surdos e ouvintes da comunidade.

As autoras descrevem ações e objetivos dos três eixos que compõem o projeto “Sinaliza UDESC: Arte e Formação”, desenvolvido por elas para promover um diálogo de aproximação entre diferentes linguagens das artes, em que estiveram envolvidos surdos e ouvintes sinalizantes e ouvintes aprendizes da Libras: no Curso de Teatro de Animação em Libras (teatro), no programa Artes & Libras em Ciclo (artes visuais, cinema, música) e no Dançando em Libras (dança).

Os projetos buscam promover avanços na diferenciação da compreensão de concepções de “artes para Surdos” para um entendimento de “artes de/com/por Surdos”. Nesta última perspectiva são privilegiadas as participações de artistas e profissionais surdos, ouvintes sinalizantes e tradutores intérpretes de língua de sinais, protagonizando e complementando a formação dos futuros docentes por meio de vivências artísticas e linguísticas.

As autoras defendem o avançar para além de um “teatro ouvinte acessível” – aquele teatro pensado *por/com/para* ouvintes como público primário,

em que a acessibilidade aos surdos como público secundário é realizada pela mediação de um intérprete no palco. Isso significaria construir um espetáculo pensado *por/com/para* surdos, que reconhece o potencial cênico da Libras e de aspectos culturais e visuais na dramaturgia, assim como o protagonismo surdo na autoria, direção, atuação, produção, cenografia, iluminação, entre outras frentes de trabalho.

Em diálogo com essa experiência, que busca destacar a representatividade e o protagonismo dos surdos no planejamento e na execução de ações que envolvem o teatro, Lucas Sacramento Resende e Maria da Glória Magalhães dos Reis nos apresentam a interessante e inovadora discussão sobre “*Teatro Surdo Brasileiro: considerações sobre a elaboração da dramaturgia sinalizada em Libras*”. Em seu artigo, lançam um olhar diferenciado ao enfoque da produção teatral sinalizada baseada na tradução, com o objetivo de abordar a elaboração da dramaturgia sinalizada na Língua Brasileira de Sinais, tomando a diferença entre os papéis do ator e do diretor surdos nesse processo.

Poder debater e teorizar a categoria “Teatro Surdo” tem um caráter “revolucionário”, pois significa um avanço em mudança paradigmática no conceito de pensar o espetáculo teatral para surdos, em detrimento das (também louváveis) ações de acessibilidade via tradução de peças encenadas para ouvintes. O caráter revolucionário está na consolidação de projetos que buscam efetivar um campo dramático protagonizado pelo sujeito surdo – como ator/diretor –, permitindo a reflexão teórica e metodológica na dramaturgia sinalizada na cena teatral dos surdos.

Tomando como critério organizativo categorias já refletidas na Literatura Surda (KARNOPP, 2010; MOURÃO, 2011), os autores nos brindam com uma interessante forma de pensar, metodologicamente, os processos da dramaturgia sinalizada do Teatro Surdo, elencando: (i) a tradução cultural dos espetáculos não-surdos e espetáculos surdos; (ii) a adaptação cultural de espetáculos não-surdos; e (iii) o Teatro Surdo Brasileiro decorrente da criação de autores surdos, com a valorização de temáticas da cultura surda brasileira.

O artigo problematiza as relações vivenciadas entre o dramaturgo, o diretor e o ator surdos mergulhados na prática da encenação de um projeto do coletivo de teatro “Na classe em cena”, a partir do olhar do pesquisador surdo (e sua orientadora) no processo investigativo de sua tese de doutoramento,

no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. As diferenças entre ambos os papéis – de ator e diretor – que sujeitos surdos ocupam na prática do Teatro Surdo propõem pensar singularidades composicionais na prática teatral pela mediação da Libras que se manifestam em diálogos-narrativas que caracterizam a esfera discursiva do gênero dramático sinalizado.

A partir do relato envolvendo a atuação de atores/atrizes surdos/as e não-surdos e do diretor surdo na produção e encenação de um texto autoral surdo – “O grito da gaivota” – são descritos protocolos que envolvem técnicas teatrais nos diálogos e narrativas, nas relações tempo-espço que singularizam a atuação do diretor e do ator surdo, operando a produção de uma linguagem específica para o Teatro Surdo. Destacamos a contribuição de uma categoria singular, a “Visual Vernacular”, tomada como forma estética performática e narrativa, produzida a partir das línguas de sinais, hibridizada com a poesia, o teatro, a mímica e a dança na elaboração de diálogos e processos narrativos. Mesmo presente, alguns sinais padronizados da língua de sinais mesclam-se e articulam-se à percepção de classificadores, para produzir narrativas em terceira dimensão, através do uso de elementos e estratégias da linguagem cinematográfica (RESENDE E MAGALHÃES DOS REIS, neste número).

Em direção complementar à experiência do Teatro Surdo Brasileiro, observamos um número maior de produções acadêmicas no cenário nacional que têm como objeto a esfera de atuação artístico-cultural como um fecundo campo em expansão na área dos estudos da tradução e interpretação de língua de sinais. A presença de tradutores de Libras em espetáculos teatrais tem sido representativa na ocupação da cena cultural que, quanto mais se amplia, mais demanda reflexões sobre as singularidades dessa atuação por pesquisadores da área.

Apresentamos a discussão de uma experiência desenvolvida no curso de formação de tradutores intérpretes da UFRGS, em que a acadêmica de Letras Libras Giovanna Ceconello Mendes, sob orientação de seu professor Tiago Coimbra Nogueira, assinam o manuscrito “*Procedimentos de preparação em equipe: uma reflexão a partir de experiências na interpretação de português para Libras no teatro*”. A partir das questões norteadoras do estudo, “em que medida os materiais de preparação poderiam contribuir com a interpretação?” e “quais seriam os procedimentos utilizados para a preparação e atuação em equipe no teatro?”, os autores nos apresentam um estudo de caso descritivo e observacional

retrospectivo baseado em experiência desenvolvida na disciplina de Práticas de Interpretação em Libras III, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O trabalho descreve os procedimentos de preparação e divisão da equipe de intérpretes, a partir de experiências de interpretação de português para a Libras, no chamado “teatro em equipe”. Sua contribuição central está em destacar os desafios do processo de preparação de um intérprete nas dimensões individuais e coletivas desse processo. O conhecimento prévio do texto, do contexto histórico que o motivou, o estudo do roteiro e o acompanhamento dos ensaios constituiriam alguns dos procedimentos iniciais para imersão na atmosfera do espetáculo teatral. Por meio da prática da interpretação simultânea em contextos reais de atuação, a disciplina estimulou a reflexão sobre a importância do trabalho preparatório e a atuação em equipe, a fim de atribuir qualidade ao processo de interpretação.

O texto que segue traz uma das pesquisadoras pioneiras nesse campo da tradução em espetáculos teatrais – Carolina Fernandes Rodrigues Fomin –, cuja contribuição teórico-metodológica é muito representativa no ainda reduzido cenário do estado da arte da tradução artística. Em seu texto intitulado “*Corpo como texto e a posição da interpretação em Libras no teatro*”, Fomin apresenta um estudo decorrente de sua pesquisa de mestrado, cujo objetivo é discutir o lugar não apenas físico, mas ideológico que intérpretes de língua de sinais (ILS) ocupam em apresentações teatrais.

A partir das contribuições teóricas de perspectiva bakhtiniana, toma as interpretações em Libras realizadas pelos ILS como produções enunciativo-discursivas na cena teatral. Suas reflexões encaminham-se para dois focos temáticos: o primeiro contempla a discussão do contexto sócio-histórico-ideológico dos espetáculos, tomando como critérios analíticos o posicionamento dos intérpretes e o *status* e a hierarquia da língua de sinais em relação ao português como questões relacionadas ao lugar valorativo da acessibilidade, considerando espectadores surdos. Para desenvolver os procedimentos metodológicos e de análise, a pesquisadora utiliza-se de dados extraverbais e verbais dos enunciados em materiais informativos e de divulgação de dois espetáculos teatrais, respostas ao questionário aplicado aos ILS participantes da pesquisa, além de escolhas tradutórias/interpretativas relacionadas aos posicionamentos em cena.

O segundo foco temático trata do posicionamento do ILS na interpretação em cena, ou seja, a análise dos enunciados em língua de sinais que se constituem no “corpo como texto”. Explica como a posição enunciativa do ILS influencia a construção dos sentidos gerados pelos espectadores, ao considerar que a produção de enunciados em língua de sinais também é influenciada pela “posição-sujeito” que os ILS ocupam na cena.

Esse interessante e inovador contexto investigativo da atuação do ILS toma o gênero teatro para desvelar os sentidos produzidos pelos enunciados que circulam na esfera artística durante a mobilização discursiva que ocorre entre a tradução de textos dramáticos e a interpretação em Libras.

Por fim, transitando ainda no campo do teatro, fechamos o bloco dos projetos e pesquisas teatrais anunciando um inovador e surpreendente trabalho sobre “*Teatro de Animação em Língua de Sinais (TALS): desafios linguísticos e técnicos de performances teatrais em Libras*”, assinado em coautoria por Natália Schleder Rigo, Rachel Sutton-Spence e Rodrigo Custódio da Silva, que tem como objeto a análise das performances das companhias de teatro de bonecos Bibi&Nati e Grupo TALS.

Segundo os autores, o teatro de animação se caracteriza por utilizar máscaras, formas, sombras, objetos e bonecos com manipulação de atores-animadores. Na perspectiva de um dos critérios que compõem a unidade temática deste dossiê – a enunciação verbovisual da arte sinalizada –, o artigo nos oferece uma original e criteriosa contribuição metodológica que subjaz à performance no TALS. Aprendemos com Rigo, Sutton-Spence e Custódio da Silva que, no caso da animação, a cena teatral e os enunciados verbovisuais são compartilhados por personagens e atores-animadores, o que agrega *desafios linguísticos* – que contemplam aspectos e exigências da sinalização do(s) ator(es)-animador(es) e personagens animados, como o número de mãos, alterações na gramática e nos parâmetros de sinalização da Libras – e os *desafios técnicos* – definidos por exigências de função cênica, como posicionamento/localização e disponibilidade corporal dos atores-animadores, condução compartilhada ou individual dos personagens e ocupação e gerência de membros corporais.

Apesar da grandiosidade dos desafios, a pesquisa inaugura um novo gênero teatral sinalizado para hospedar as manifestações de artefatos culturais que são produzidos e circulam nas comunidades surdas, reforçando a Libras

“como uma língua de potencial cênico e criativo, passível de ser empregada também no gênero do teatro de animação” (RIGO, SUTTON-SPENCE, SILVA, neste número).

Fechando o dossiê, apresentamos a experiência de criação de um videoguia sinalizado, que contribui na promoção das identidades cultural e linguística da comunidade surda, no espaço museológico: “*Libras no Museu: acesso à cultura, história e memória para surdos*”. Assinam o artigo, Sueli Fernandes, coordenadora do projeto, em coautoria com seus orientandos Bianca Spaler, Bruno Montanha e Elisane Alecrim, acadêmicos surdos do curso de Licenciatura em Libras, na Universidade Federal do Paraná.

Buscando ampliar o currículo da formação docente para além dos muros da escola, produzindo conhecimento inter/transdisciplinar, o artigo tem como objetivo desenvolver estratégias de difusão da Língua Brasileira de Sinais no espaço museológico, contribuindo para a acessibilidade linguística, o acesso à cultura e a inclusão social de pessoas surdas. O projeto de intervenção dos estudantes de Letras Libras foi realizado no Museu Paranaense, em Curitiba, e estimulou uma prática inclusiva que gerou como produto os videoguias bilíngues (em Libras e Língua Portuguesa), um gênero textual sinalizado armazenado em uma mídia digital disponibilizada no setor de exposição do Museu Paranaense para visualização de visitantes surdos, e também ouvintes, de forma permanente.

O projeto buscou ampliar a concepção de acessibilidade linguística, geralmente efetivada por meio da janela de tradução de conteúdos em português para a Libras, dando protagonismo aos futuros professores surdos que atuam na concepção e no planejamento do videoguia, além de serem os atores-sinalizadores na tela. A produção do material fundamenta-se em uma concepção de letramento bilíngue, que pressupõe a enunciação verbovisual mediada pela Libras e por outros elementos semióticos (linguagens verbal e não-verbal), na apropriação do conhecimento pelos surdos (FERNANDES, 2003).

Como resultados mais significativos do Projeto Libras no Museu destaca-se o protagonismo dos acadêmicos surdos, desde o planejamento à execução do videoguia, favorecendo sua formação interdisciplinar e a criação de artefatos culturais em Libras no espaço museológico, ação pioneira que pode ser socializada para outros museus e áreas de cultura e lazer, favorecendo a inclusão e a participação das pessoas surdas na vida social da cidade.

O dossiê “*Libras e Arte: manifestações verbovisuais de artefatos culturais da comunidade surda*” constituiu um desafio para ser materializado, dado que os atos de criação artística e acadêmica objetos de análise nos artigos encontram-se em processo no cenário nacional. Esses objetos artísticos que aqui serão nomeados, descritos, problematizados, têm na Libras a sua principal matéria da criação estética e produzem gêneros textuais sinalizados que se caracterizam pela presença de enunciados verbovisuais em sua discursividade.

Na poesia sinalizada do *Slam* da Resistência Surda, na dramaturgia sinalizada do Teatro Surdo Brasileiro (TSB), no Teatro de Animação em Língua de Sinais (TALS), na preparação em equipe para a tradução artística em espetáculos teatrais e na produção de videoguias em Libras no museu podemos afirmar que reside uma forma de “subversão”.

A metáfora da subversão (em sentido positivo) recobre o sistema simbólico e o “perturba”, alterando os signos do texto de origem em sua forma escrita e/ou falada para um sistema de enunciados verbovisuais em que a corporeidade se hibridiza em elementos verbais e não-verbais (visuais e auditivos) para significar. Insurgem do texto de partida outras possibilidades de leitura e de fruição que consideram a experiência visual da audiência surda. Essa subversão simbólica tem sido potente na produção nas diferenças composicionais que caracterizam gêneros textuais sinalizados, sobre os quais a pesquisa acadêmica terá que se debruçar nas próximas décadas.

Em tempos de pandemia, assistimos a uma proliferação de experiências em videolibras – sem dúvida, a principal ferramenta de registro dos gêneros textuais sinalizados – como as *lives* de shows musicais com tradução de Libras, os saraus sinalizados, as piadas do humor surdo, as *lives* com palestras e conferências acadêmicas e/ou culturais mediadas por palestrantes surdos e ouvintes sinalizadores, entre tantos outros gêneros que vão tecendo aspectos discursivos e composicionais totalmente inovadores na esfera da comunicação verbovisual.

Os artigos que compõem este número são manifestações dessas experimentações, que buscam sua tessitura textual nos nexos estabelecidos entre a Libras e a Arte, em diálogo com a literatura, com a memória, o teatro, a poesia, entre tantos outros segmentos culturais ávidos da capilarização dos gêneros textuais em língua de sinais, pela subversão da forma e do conteúdo da língua(gem).

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!!!!

Os organizadores

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013.
- FERNANDES, S.; TERCEIRO, F. M. L. Deafhood: um conceito em formação no campo dos Estudos Surdos no Brasil. *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 86-1-23, 2019.
- FERNANDES, S. F. *Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. 2003. 213f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24287/T%20-%20FERNANDES,%20SUELI%20DE%20FATIMA%20.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- _____. Letramentos na educação bilíngue para surdos. In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, G.; DE ANGELIS, C. C. M. *Letramento: referências em saúde e educação*. Plexus, 2006.
- KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. *Cadernos de Educação*, v. 36, p. 155-174, 2010.
- MOURÃO, C. *Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais*. 2011. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- MOURÃO, C (2016). *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151708/001012805.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 abr. 2020.